

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS – LITORAL NORTE**

**CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS DA
NATUREZA**

CLAUDIO AMARAL

COLETIVO NEGRO: CAMÉLIAS DE TORRES

TRAMANDAÍ

2018



Claudio Amaral

COLETIVO NEGRO: CAMÉLIAS DE TORRES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à UFRGS
Campus Litoral Norte curso de Educação do Campo –
Ciências da Natureza como requisito parcial para a
colação de grau.

Orientadora: Elisete Enir Bernardi Garcia.

Tramandaí

2018

Claudio Amaral

COLETIVO NEGRO: CAMÉLIAS DE TORRES

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza da Universidade Federal do Rio Grande do Sul a ser utilizado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciamento em Educação do Campo: Ciências da Natureza.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Elisete Enir Bernardi Garcia
Orientadora
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Campus Litoral Norte

Prof. Dra. Patrícia Gomes Rufino Andrade - Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

Prof. Dra. Claudia Glavam Duarte
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Campus Litoral Norte

Tramandaí___, julho de 2018.

Gostaria de agradecer à minha companheira de viagem que me acompanha a vinte e cinco anos e entende minhas dificuldades. Meu porto seguro, meu quilombo, meu refúgio, tudo de bom. Sem você não teria chegado a lugar nenhum. Muito obrigado por acreditar em mim. Te amo com todas as minhas forças. Axé!

AGRADECIMENTOS:

Gostaria de agradecer em primeiro lugar ao criador de todas as coisas por ter me dado a oportunidade de viver neste mundo.

Agradeço também, em especial, ao meu segundo pai que me criou e me incentivou aos estudos, com quem tive muitas discussões filosóficas a respeito dos mistérios do mundo como também sobre as banalidades da vida. Mario tu foi um pai para mim, apesar de nunca ter conseguido te chamar de pai. Sei que onde tu estas deve estar orgulhoso de mim, pois cheguei na primeira etapa de onde tu galgou todas as glórias, grande professor Barberena que até nome de dinossauro virou. Te amo muito. Muitas saudades! Um dia nos encontraremos de novo.

À minha mãe que me acompanha até hoje, sempre acreditando e me apoiando na vida. Estou me formando na UFRGS tua casa, onde passei parte da minha infância, brincando com os dinossauros e com a máquina de calcular a manivela. Mãe sei que não fui o melhor filho, e o quanto tu aguentou, dedico este trabalho como forma de valorização do teu esforço por mim. Te amo.

Agradeço a minha família, com quem convivo em perfeita desarmonia (brincadeira) a mais de 25 anos. Minha esposa linda, quase se separou de mim, graças as minhas excentricidades, por cursar a faculdade e por ficar tanto tempo longe, mas que acredita nos estudos, pois também está se formando logo, logo. À minha filha Louyse e meu filho Pedro, que participaram ativamente desta caminhada, pois tiveram que me aturar. Amo muito todos vocês!

Agradeço a irmãos e irmãs, uma lista comprida: Fernanda, Ricardo, Paulo, Ana, Andrea, Geórgia e Bibiana. Irmãos por todos os lados, alguns emprestados, todos amados.

Agradeço meu pai, que me gerou e participou da minha infância. Hoje a distância nos separa...

Agradeço a Iara, ao Ênio, ao Ivan in memoriam, a Regina. Todos com alguma influência na minha vida. Família complicada a minha.

Agradeço aos meus professores, que tiveram a paciência e a calma de aturar as minhas interferências no andamento da aula. Sei que, algumas vezes passei dos limites. Aprendemos juntos e este foi o melhor aprendizado. Muito obrigado a todos meus professores.

Faço aqui um agradecimento especial a minha orientadora Elisete, que me acompanhou durante todo este percurso de quatro anos. Sempre me incentivando e dando apoio.

Também gostaria de fazer uma lembrança especial a Professora Claudia, por ter conseguido implantar este curso nesta universidade e em nossos corações.

Agradecer a meus colegas e minhas colegas de curso, por termos dividido momentos agradáveis de nossas vidas, com muitas discussões acaloradas, e muitas risadas.

Agradecer meus colegas de viagem: Zé, Rafael e Vera, por muitos quilômetros agradáveis na estrada entre Tramandaí e Torres. Quantos quilômetros mesmo Zé, que eu sempre esqueço? Uma outra etnogeografia, né Rafa! Outra territorialidade, quase um curso a parte. Vamos sentir saudade.

Agradeço ao Coletivo Negro “Camélias de Torres” pelos momentos agradáveis que passamos junto durante a construção do mesmo. E pelo apoio incondicional para com a realização desta pesquisa.

Tenho ainda a agradecer minhas colegas de escola Santa Rita, que tiveram trabalho para me substituir enquanto eu ia para a universidade estudar. Agradeço enormemente a colaboração e o apoio.

Por último, mas não menos importante, quero agradecer o convênio firmado entre a Prefeitura de Torres e a UFRGS, que me possibilitou voltar a estudar. Sonho antigo, que estou conseguindo realizar agora.

Se, por ventura esqueci alguém, fica aqui meu agradecimento especial a todos que, de alguma forma, contribuíram para que eu chegasse até aqui. Muito obrigado e Axé!

PARA UM NEGRO

(Poesia de Adão Ventura)

Para um negro
a cor da pele é uma sombra
muitas vezes mais forte
que um soco

Para um negro
a cor da pele
é uma faca

que atinge
muito mais cheio
o coração

(ROCHA, 2006, p.74.)

RESUMO:

Este trabalho partiu de uma pesquisa ação, uma vez que seu autor é membro do coletivo pesquisado e buscou compreender como se constituiu este coletivo negro “Camélias de Torres”, bem como qual a sua importância para o combate ao racismo. Para tanto realizou entrevistas com os membros do mesmo, sobre o porquê de sua criação, assim como da escolha de sua homenageada na semana da consciência negra que o coletivo organizou. Fez uma descrição das atividades da semana para contextualizar as ações do grupo. Para as análises, o autor buscou também fazer uma retrospectiva de sua trajetória pessoal, permeando com fatos históricos da vida dos negros no Brasil e em outros lugares. Desta forma, o trabalho apresenta uma perspectiva pelo olhar do grupo “Camélias de Torres” sobre os problemas locais de Torres, em relação as questões de racismo e preconceito e busca contribuir com as reflexões étnico-raciais relacionadas com a educação do campo.

PALAVRAS-CHAVE: Coletivo negro. Racismo. Preconceito, Camélias de Torres.

ABSTRACT

This work was based on an action research, since its author is a member of the collective researched and sought to understand how this black collective "Camélias of Torres" was constituted, as well as its importance for the fight against racism. In order to do so, he conducted interviews with the members of the same, about the reason for his creation,, as well as the choice of his honor in the week of black conscience that the collective organized. Made a description of the activities of the week to contextualize the actions of the group. For the analysis, the author also Sough to make a retrospective of his personal trajectory, permeating with historical facts of the life of the blacks in Brazil and elsewhere. In this way, the work presents a perspective by the look of the group "Camélias of Torres" on the local problems of Torres, in relation to the issues of racism and prejudice and seeks to contribute with the ethnic-racial reflections related to the education of the field.

KEYWORDS: Collective black. Racism. Prejudice, Camélias of Torres.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

| Fotografia | Descrição | Página |
|------------|--|--------|
| I | Primeira colônia de férias de Torres - | 20 |
| II | Chá das Mulheres Negras | 28 |
| III | Cinema na escola. | 29 |
| IV | Palestra na OAB | 31 |
| V | Roda de Capoeira na Prainha | 31 |

SUMÁRIO:

| | |
|---|----|
| 1. Introdução. | 12 |
| 2. Procedimentos metodológicos: | 17 |
| 3. Desenvolvimento. | 19 |
| 3.1 O contexto da pesquisa. | 19 |
| 3.2 Criação da Semana da Consciência Negra de Torres. | 20 |
| 3.3 Narrativa dos Membros do Coletivo. | 21 |
| 3.4 A importância desta criação: | 24 |
| 3.5 Trajetória da homenageada Nazaré: “Naza”: | 25 |
| 3.6 Ações do Coletivo: | 28 |
| 3.7 Objetivos alcançados pelo Coletivo: | 32 |
| 4. Considerações finais. | 33 |
| Referências: | 37 |
| Apêndices | 40 |
| Anexos. | 45 |

1.INTRODUÇÃO:

Meu trabalho se propõe a pensar a (re)existência (resistir para uma nova existência) e o enfrentamento ao racismo. Minha história de vida está diretamente imbricada nesse processo. Fui me constituindo e trazendo o que incomoda no meu passado, estereótipos e complexidades do meu constituir-me na vida. Para compreender e estudar a forma como negros e negras são vistos nesta sociedade. Ao realizar esta pesquisa, me deparei com alguns aspectos da minha formação como pessoa, “o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre homens e mulheres o inacabamento se tornou consciente” (FREIRE, 1998, p. 55). Como meu passado influencia na minha forma de ver o mundo? Porque me apaixonei pela capoeira? Preconceitos que sofri no passado e ainda sofro hoje pelas posições que defendo, tais como: o amor é mais importante que o dinheiro. Algo pouco aceito na sociedade capitalista atual, uma vez que, para esta sociedade, o que mais importa é o valor da conta no banco. Neste sentido cabe destacar o conceito de preconceito conforme Guerra (2014):

Preconceito é um conceito ou uma opinião previamente concebida. Em outras palavras, trata-se de um juízo feito sobre um indivíduo ou grupo social antes de qualquer experiência. O preconceito age a partir de uma simplificação, estabelecendo categorizações sociais através da criação de estereótipos. O preconceito funciona com base no princípio da generalização de todo o grupo alvo de preconceito: cada um dos seus membros, indistintamente, carrega as marcas estereotipadas que o estabelecem numa singularidade. O preconceito está mais relacionado ao sistema de valores do sujeito do que às características de fato do seu objeto. Ou seja, o preconceito implica, naqueles que o utilizam, um componente afetivo e valorativo que não é determinado pela realidade do grupo alvo do preconceito. Por isso, o preconceito é resistente a toda informação contraditória e exerce uma função excludente de criação de uma identidade coletiva entre os que partilham o mesmo preconceito (GUERRA, 2014, *on line*).

Da minha história, trago as marcas da escola, já no meu primeiro contato fui surpreendido pelo preconceito em relação a classe social, pois eu era filho do professor e não tinha as qualificações necessárias para estar ali, “ser rico e viajar para a Disney” como me diziam alguns colegas. Colégio Anchieta, anos iniciais da 1ª à 4ª série, meu primeiro contato com a crueldade da sociedade brasileira na década de 70. Minha história, talvez seja a de muitos e reflete amplamente esta sociedade.

É nesta sociedade capitalista, discriminatória¹ e excludente que estamos inseridos. O que nos leva a crer que é necessário fazer alguma coisa para melhorar as relações entre as pessoas. Nos anos 80 participei do movimento estudantil como presidente do Grêmio Estudantil de uma escola estadual de Porto Alegre, contra a ditadura e por uma melhor qualidade de ensino e garantia de acesso ao ensino público e gratuito. Nesta época lancei dois livros de poesia alternativos², comecei a dançar folclore e me interessar por capoeira, minha paixão até hoje.

Muitos preconceitos se passaram, alguns “amigos” me diziam: “poesia é coisa de mulherzinha, dançar é pra veado” (mesmo eu explicando que dançava com um par, uma moça muito bonita), “sapateado ficar batendo o pezinho no chão já vi tudo”, frases que eu escutava como se aquilo tudo que era dito fosse a mais pura verdade. “Movimento estudantil pra que? Isto é coisa de comunista o que vocês querem apoiando esses baderneiros dos movimentos sem terra, El Salvador, Cuba, Nicarágua. Vocês não são brasileiros?” Muitas frases ditas por muitas pessoas diferentes, mas que representavam o pensamento de uma elite conservadora e reacionária que não queria que a sociedade mudasse. Estas questões refletem os estereótipos produzidos pela sociedade. Podemos ver em Reis e Gomes (2016) no livro “Liberdade Por Um Fio”, que o movimento quilombola de Palmares pode ter gerado uma reação dos senhores de escravos e governantes para que isto não se repetisse. Assim,

Foi nesse contexto de reflexão e às vezes pânico sobre o que ocorrera em palmares que surgiu e se desenvolveu a ideia de uma força especializada na perseguição de escravos fugidos e na destruição de quilombos. Assim foi criada a personagem nefasta do capitão do mato, uma instituição que amadureceu e se expandiu, com variações e denominações regionais, ao longo do século XVIII. Produto do medo senhorial da rebelião escrava, o capitão do mato tornou-se indissociável da escravidão e sobreviveu até seu fim (REIS e GOMES, 2016, p.16).

Pode-se dizer que assim criou-se a figura do capitão do mato entre outras formas de controle, como o uso da igreja e até santos como soldados da repressão

¹Discriminação: Segregação; ação de segregar alguém, tratando essa pessoa de maneira diferente e parcial, por motivos de diferenças sexuais, raciais, religiosas; ato de tratar de forma injusta: discriminação racial.

Discernimento; capacidade de distinguir ou estabelecer diferenças.

Ação ou efeito de discriminar, distinguir ou diferenciar.

Ação de afastar, segregar ou apartar. (DICIONÁRIO ON LINE DE PORTUGUÊS)

² Pedaços de Meu Eu 1982 e Das Pedras Do Fundo 1985.

dos movimentos libertários. Portanto esta questão de não querer, nem permitir a mudança da sociedade é muito antiga no Brasil. Até mesmo na minha família sofreu preconceito por ser canhoto, meu avô me xingava que eu estava martelando com a mão errada. Era comparado a meu pai que era professor de cursinho: o professor Amaral e eu era chamado de “Amaralzinho”. Na escola, mais uma vez fui classificado de aluno problema, pois era filho de pais separados, “não teria um bom futuro”, o que me diziam. Cabe aqui salientar que eu me criei em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, pois para quem vive no interior a dificuldade de ir à escola sempre foi maior, como nos aponta Andrade (2007) em sua dissertação de Mestrado “A educação na comunidade de Monte Alegre”:

Nesses encontros, meus tios sempre deixaram escapar as atrocidades vividas por eles nas escolas, porém lembravam-se sempre, com orgulho, de tê-las frequentado, mesmo padecendo de sacrifícios de andar por muito tempo até chegar à escola, de ter que atravessar mata, caminhar sob o sol quente, não ter disponível o material necessário, aturar os “castigos da professora”. Esses são alguns fragmentos de suas histórias (ANDRADE, 2007, p.30).

Refletindo ainda sobre mim, já adolescente comecei a praticar a capoeira, que no fim dos anos 80, quase não existia em Porto Alegre³. “Capoeira é pra baiano, que é tudo preguiçoso, isso é coisa de maconheiro, o que é isto na tua mão? Vai pescar?” (Deboches para com o berimbau). Com o passar dos anos mais um preconceito: “Mestre de Capoeira branco? O que branco quer falando de coisa de negro?” Aqui cabe salientar que Marques (2013) constata este mesmo preconceito em relação a religião afro brasileira em sua tese de doutorado “Sobre Raízes e Redes”, quando cita o pai de santo. Desta forma,

Babadiba refletiu sobre a entrada de brancos nas religiões africanas, comentando que se sente negro, apesar de já ter sido tratado com certo desprezo por ser considerado branco, em congressos religiosos de que participou e que reuniam pessoas de todo o Brasil (MARQUES, 2013, p.340).

Sobre a sabedoria de um “Mestre” Andrade (2007, p.24) nos fala “que a concepção de um “Mestre”, na cultura popular, é a de alguém considerado detentor de um saber específico, passado de geração em geração”, portanto, para além da concepção da cor de sua pele. Quando casei com uma mulher negra, também fui

³ A capoeira chegou a Porto Alegre e RS no início dos anos 70 pelas mãos de mestres da Bahia e do Paraná.

repreendido, “tem certeza do que está fazendo?” Tenho dois filhos, um de pele bem clara e olho azul. “Este menino só pode ser adotado”. Foram tantos questionamentos que até ele, meu filho, com 16 anos, as vezes se questiona se não foi realmente adotado. Por sorte meu irmão, que na época era estudante de medicina, participou do parto confirmando que Pedro Gomes Amaral é realmente filho de Cristiane Gomes. A sociedade brasileira parece estar doente, pois perpetua preconceitos e atitudes racistas. Pode-se dizer que, segundo Souza (2018)

O termo racismo vem do latim ratio, que significa categoria, sorte ou espécie. A partir do século XVII essa palavra foi empregada com o sentido de assinalar as diferenças físicas existentes entre os diferentes tipos humanos. Foi a partir desse momento que a procura e identificação das diferenças entre os homens deixou de ser um simples exercício de classificação e identificação. A partir de então, a distinção racial serviu para que certos cientistas defendessem a ideia de que existiam raças “melhores” e “piores”. No século XVIII, as distinções raciais se limitavam à cor da pele, dividindo os grupos humanos entre as raças negra, branca e amarela (SOUZA, 2018).

Sendo assim, uma das explicações dadas pelo autor é que as teorias científicas começaram a embasar o pensamento racista

No século seguinte, esses três critérios de distinção racial ganharam novas características morfológicas que definiram as raças com maior precisão. Nessa mesma época, as reinterpretações da teoria darwinista acabaram legitimando uma hierarquia onde a raça branca seria vista como o grau máximo do desenvolvimento físico e mental dos seres humanos. Com isso, asiáticos, mestiços e negros seriam colocados em patamares de menor grau de desenvolvimento (SOUZA, 2018).

O autor segue sua linha de raciocínio relatando que o conceito deixou de ser explicado pela sua natureza estritamente biológica para ser associado à certos valores morais e estados psicológicos. Assim,

Tais conceitos ganharam enorme força na Europa do século XIX, principalmente a partir do processo de colonização dos continentes africano e asiático. O predomínio do “homem europeu branco” seria justificado por meio de uma pseudo-ciência defensora da necessidade de se civilizar as chamadas “raças indolentes” (SOUZA, 2018).

Com o aprimoramento do pensamento científico estas teorias começaram a não fazer tanto sentido e o racismo ganhou novas explicações,

Teorias defendiam o aprimoramento moral dos homens pela manutenção de uma raça pura e a aversão às misturas raciais. Certamente, foi nesse contexto de ideias que as teorias raciais de Adolf Hilter e do nazismo buscaram toda sua justificação. O ideário nazista considerava que os judeus, negros e ciganos deveriam ser isolados do território alemão para que a “raça ariana” pudesse manter sua hegemonia. Além disso, o apartheid entre negros

e brancos, ocorrido na África do Sul, poderia também ser considerado como um fruto direto das teorias racistas.

Atualmente, as ciências biológicas comprovaram que o racismo não tem nenhuma sustentação cientificamente verificável. Cientistas provaram que as raças não existem enquanto método classificatório, pois todos os homens estão sujeitos a diferenciações genéticas incapazes de determinar certas habilidades, valores, ou padrões de comportamento. Entretanto, muitas pessoas insistem em se auto-afirmar ou ofender determinados grupos por meio de concepções de natureza racista (SOUZA, 2018)

Ainda, podemos dizer que desde os tempos da escravidão muitas pessoas não eram consideradas seres humanos. Mesmo assim no período da República Velha, depois da abolição, para a elite brasileira, o negro,

Por conta de seu “caráter bárbaro” e “estado de selvageria”, era um empecilho à formação de uma nação, pretendida o mais próximo possível da civilização. Portanto, o negro deveria ser excluído da sociedade brasileira, sendo proibida sua entrada no país. O ideal da evolução étnica brasileira seria a pureza da raça branca. Por isso, concomitantemente à eliminação do negro, a imigração europeia foi incentivada com o intuito de promover o branqueamento da população. O governo republicano, além de incentivar, destinou recursos próprios para a imigração europeia, proporcionando, em grande medida, a exclusão dos negros do mercado de trabalho formal (MATTOS, 2012, p.186).

O governo incentivou a imigração europeia para trabalhar no lugar dos “negros libertos”, sendo que o negro continuou a luta pela sua existência de forma muito precária. Uma prova deste fato é a Revolta da chibata liderada por João Candido, o Almirante Negro, que pretendia abolir da marinha, práticas do tempo da escravidão. Os marinheiros, na sua imensa maioria negros, eram açoitados em pleno século XX (Revolta da Chibata 1910, 21 anos após a abolição) por qualquer motivo, ficando a mercê de seus comandantes. Até a década de 30 os negros ficaram sem trabalho, aumentando assim a massa de desocupados. Ao mesmo tempo a República Velha em uma de suas primeiras ações, instituiu uma lei que proibia a prática da capoeira no Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil (Decreto número 847, de 11 de outubro de 1890)⁴ que dizia dos vadios e capoeiras. Os negros não tinham

⁴ Capítulo XIII -- Dos vadios e capoeiras

Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação Capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal; Pena de prisão celular de dois a seis meses.

trabalho, mas também não podiam ficar na rua, pois poderiam ser enquadrados na lei de vadiagem.

Retomando a falar de mim⁵ a capoeira faz parte de minha vida desde os 17 anos, convivendo com mestres antigos, alguns inclusive que já morreram, dando aula, convivendo com os acontecimentos da capoeira do Rio Grande do Sul e de outros estados.

Nesta caminhada, após dar aula de capoeira na escolinha municipal de Esteio durante 4 anos, eu e meus alunos mais graduados resolvemos criar um grupo de capoeira: Associação Arte Vida e Vivência.⁶ Desde o primeiro ano do grupo ele sempre organizou mostras da semana da consciência negra Zumbi dos Palmares na cidade de Esteio. Uma das grandes motivadoras deste movimento sempre foi a Professora Cris, hoje Contra Mestre Cris⁷. Nesta época, chegamos a organizar 2 desfiles da beleza negra em 2 anos seguidos, dentro de uma escola municipal de Esteio, onde a Contra Mestre Cris ministrava aulas de capoeira pelo projeto “mais educação”. Foram muitas apresentações, debates, mostras de filmes como “Besouro”, “Bimba, iluminado”. Muitos batizados de capoeira e muita militância em prol da Lei 10.639⁸ junto ao grupo de estudos da secretaria municipal de educação de Esteio. Realizei, com meus próprios recursos, o lançamento do livro “O Capoeira e a Bruxa”, história infantil de minha autoria com desenhos do meu filho Pedro que tinha apenas 10 anos nesta época.

Em 2013, em busca de uma melhor qualidade de vida, o pesquisador assumiu o cargo de professor de Educação Física, para o qual havia passado em concurso para cidade de Torres a qual será o contexto desta pesquisa.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

⁵ Em alguns momentos a escrita será utilizada na primeira pessoa.

⁶ Fundada em 2002. Em 2008 ela foi registrada com cnpj 10.787.626/0001-43 onde eu fiquei como presidente.

⁷ Meu braço direito e esquerdo na capoeira e na vida.

⁸ Lei N° 10639, de 09 de Janeiro de 2003. “ Altera a lei 9.39 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática” História e cultura Afro-Brasileira” e dá outras providencias.

Situando esta pesquisa como uma pesquisa-ação emancipatória, que

Tem como meta explícita mudar o status quo não só para si mesmo e para seus companheiros mais próximos, mas de mudá-lo numa escala mais ampla, do grupo social como um todo. As sufragistas, por exemplo, não queriam simplesmente obter para elas mesmas o direito de votar, mas sim garantir que todas as mulheres tivessem esse direito (TRIPP, 2005).

O tema da pesquisa é o coletivo negro “Camélias de Torres”. O pesquisador é um dos membros fundadores deste coletivo, e, sabendo que, como corrobora Pollak (1992), existe uma identidade individual e uma identidade social ou coletiva relacionada a um determinado grupo. Ambas são ligadas diretamente a memória e se relacionam com algo que se mantem ao longo de um relato oral, tanto em relação a vida pessoal de um indivíduo como em relação a vida social deste indivíduo. Portanto, nosso entendimento é de que a identidade está relacionada a um sentimento de pertencimento a fatos individuais e coletivos. Assim, para este estudo nos interessa identificar elementos que caracterizem esta coletividade. Sabendo que esta identidade, por representar saberes de origens afro brasileiras e africanas, se constrói, neste caso, através das relações do conhecimento oral, como nos aponta Andrade (2007, p.49) ao comentar sobre a perspectiva de Meihy:

O uso de narrativas a partir dos pressupostos da história oral, no caso não necessariamente da vida do sujeito, mas de suas vivências, apresenta-se como forma de contribuir para que segmentos sociais, muitas vezes silenciados, tenham seus saberes, suas concepções, experiências, vivências e perspectivas socializadas (ANDRADE 2007, p.49).

Buscamos nos apoiar em estratégias metodológicas para compreender e aproximar dos sujeitos pesquisados. Assim, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, pesquisa em redes sociais e rodas de conversas com os participantes do coletivo “Camélia de Torres”, bem como das memórias e impressões o pesquisador. Utilizamos também de análise de documentos, especialmente a programação da semana de consciência negra além de recursos bibliográficos a respeito da história do negro no Brasil e no mundo, para situar as relações entre o movimento negro ao longo de um período histórico e a criação deste coletivo.

Cabe destacar que o grupo pesquisado é formado por um advogado membro do coletivo de advogados negros do RGS, um mestre de capoeira, uma pedagoga e

contramestra de capoeira, duas artesãs, um professor de psicologia e um representante de casa de religião de matriz africana, num total de sete integrantes.

A pesquisa foi se modificando ao longo do percurso, dentro da perspectiva de uma pesquisa-ação. Todo o caminho causa marcas em quem passa, assim como o caminhante deixa suas pegadas pelo caminho. Tendo assim, um caráter caminhante de percurso.

Cabe destacar aqui, que o problema de pesquisa foi: Como a criação do coletivo “Camélias de Torres” interfere na comunidade onde está inserido? Partindo das relações de seus integrantes com a coletividade do grupo e com as trocas com a sociedade. Também teve uma atenção especial as relações de sua homenageada da semana da consciência negra de Torres para com a formação deste coletivo.

3.DESENVOLVIMENTO:

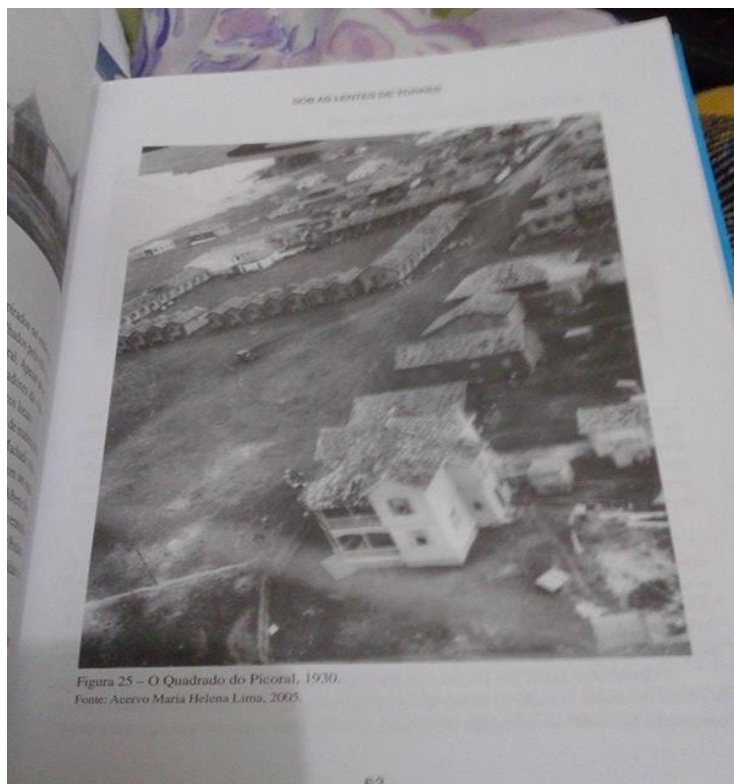
3.1 O contexto da pesquisa:

O contexto da pesquisa se dá na cidade de Torres que possui entre suas belezas a praia mais ao norte do litoral do Rio Grande do Sul. Torres possui um território de 160,56 Km² com uma densidade demográfica de aproximadamente 216 hab./Km² para uma população de 34.656 habitantes permanentes, segundo o censo do IBGE 2010. Porém na época de verão, alta temporada, pode chegar de 200000 à 400000 pessoas, o que ocasiona algumas mudanças na cidade.

A população permanente espera esta época para aumentar sua renda, pois o número de empregos relacionados ao turismo aumenta muito. Algumas praias que fazem parte de Torres não apresentam uma urbanização muito acentuada. Este fato pode estar ligado a história de formação da cidade, que originalmente era uma vila de pescadores. Com o passar do tempo foi descoberta pela elite do Rio Grande Do Sul e empresários de Porto Alegre e da região serrana.

Com o deslumbramento pelas belezas naturais, estes empresários começaram a investir na cidade. Principalmente José Antônio Picoral que nasceu na região e se tornou próspero comerciante em Porto Alegre. Ele fundou a primeira colônia de férias da cidade com hotel e comércio no início do século XX.

Fotografia I – Primeira colônia de férias de Torres



Fonte: O quadrado de Picoral, 1930 (BATISTA, 2012, p.63).

Antes disto os índios já frequentavam estas terras há muito tempo, como demonstra a existência de sambaquis, sendo o principal localizado na praia de Itapeva. Também é registrada a chegada de imigrantes alemães e italianos no início do século XIX. Mas foi no início do século XX que Torres começou sua invasão turística. A maior parte da renda do município vem dos serviços, como comércio, hotelaria e turismo. Também, devido a ampliação do número de turistas que, todo o verão, passam as férias em Torres, a expansão imobiliária leva a construção civil a ter uma boa parcela no desenvolvimento da cidade. Torres ainda guarda um ar de interior, quase todos se conhecem e se cumprimentam: os vizinhos e os transeuntes. A cidade alia a tranquilidade da vida no campo ao conforto e facilidades da vida no meio urbano.

3.2 Criação da Semana da Consciência Negra de Torres.

O pesquisador foi morar nesta cidade, com toda a família. A Contra Mestra Cris, esposa do pesquisador e membro de seu grupo de capoeira deu aulas de capoeira pelo projeto “mais educação” de Torres por 2 anos, realizando 2 batizados de capoeira, uma apresentação no auto de natal da cidade, no qual o Cristo era negro.

Este negro também foi animador da feira do livro da cidade no ano seguinte. Neste meio tempo nos conhecemos melhor, eu, minha esposa Cris e o LG como ele é conhecido na cidade, este ator e fisioterapeuta alegre e descontraído. Em conversas informais surgiu a ideia de se organizar a semana da consciência negra de Torres. Com mais algumas pessoas representantes do governo da época das secretárias da cultura, assistência social, secretária da mulher. Em 2 anos seguidos aconteceram a semana da consciência negra de Torres, organizadas por este grupo.

No ano de 2017, com a mudança de governo e algumas discordâncias quanto a legitimidade do grupo que estava organizando a semana, algumas pessoas resolveram formar o coletivo “Camélias de Torres” e propor uma outra programação para a semana da Consciência Negra.⁹

Apresentamos a seguir as narrativas dos integrantes do grupo Camélias de Torres. Essas narrativas são fundamentais, pois a história oral tem como aporte metodológico a compreensão das histórias pelas memórias dos sujeitos. Portanto quando esses integrantes trazem suas narrativas, remetem-se às histórias dos sujeitos e suas formas de compreensão da realidade, neste caso – a criação do grupo “Camélia de Torres”.

3.3 Narrativa dos Membros do Coletivo.

O objetivo sempre foi dar visibilidade para a causa negra. Acreditando na negritude¹⁰ como forma afirmativa de valorização da causa do povo negro. Com o decorrer das reuniões e sabedores da importância da causa, o coletivo se propôs a continuar suas atividades para além da organização e execução da semana da consciência negra, se dispondo assim, a se reunir e propor atividades para o ano todo. O novo grupo propôs como tema da semana da consciência negra “o empoderamento feminino e intolerância religiosa”, no qual para desenvolver este tema, organizou uma pesquisa realizada por sua homenageada Nazaré, conhecida como Naza, sobre a invisibilidade da mulher negra na sociedade. O coletivo já pretendia estender seus objetivos para ações que se estendessem para além da semana. Sendo assim, uma

⁹ Ver cronograma completo em anexo A.

¹⁰ Texto “Negritude”, “negridade”, “negricia”.

das primeiras frentes de batalha do grupo foram políticas afirmativas para as mulheres negras de Torres.

Sobre como se formou o coletivo o entrevistado 1 respondeu que¹¹

“O coletivo, Camélias no meu entendimento se formou de uma necessidade premente de representatividade da cultura negra no município de Torres/RS”.

É de se notar que este entrevistado aponta a falta de representatividade negra em Torres. Ao perguntar para entrevistado 2 sobre o que levou a participar do movimento, este respondeu

“Quero fazer a diferença em estado de direito e não em estado de favor”.

Demonstrando seu descontentamento com a posição que o negro ocupa na sociedade. Outro entrevistado 3 comentou que

“Este projeto nasceu da necessidade de dar visibilidade a quem geralmente está na invisibilidade: o povo negro. ”

Neste sentido também comentou o entrevistado 5

“Se formou pela necessidade de um grupo sem motivação partidária para lutar pelos direitos dos negros. ”

É importante aqui, salientar do caráter apartidário deste movimento e de uma linha de raciocínio, por parte dos entrevistados que existe uma carência de movimentos negros em Torres.

O nome do coletivo foi baseado no quilombo Camélias do Leblon¹² que influenciou a sociedade carioca para a causa abolicionista. O quarto entrevistado disse que o coletivo

“Camélias de Torres é um grupo para agregar, unir, fortalecer os laços negros do município de Torres”.

¹¹ Todas as entrevistas foram realizadas em 14/04/2018 e registradas no diário de campo do entrevistador.

¹² Mais informações em As camélias do Leblon e a abolição da escravatura. Eduardo Silva Fundação Casa de Rui Barbosa www.casaruibarbosa.gov.br

Fortalecer os laços de união sempre foram objetivo de grupos, sociedades e irmandades negras. Sobre seu primeiro objetivo o entrevistado 1 disse que:

“Era dar uma representatividade diferenciada por diversos olhares perante a semana da consciência negra em Torres com a luta contra toda e qualquer forma de preconceito”.

Onde apresenta a necessidade de ações para se lutar contra o preconceito racial. Em uma de suas primeiras reuniões o coletivo decidiu como forma de fortalecer o movimento pela escolha de uma homenageada. Entrevistado 4 disse que

“Naquele momento o grupo sentiu a necessidade de escolher um integrante para homenagear, se alto afirmar, ter um foco, um tema e foi o que aconteceu”.

O entrevistado 5, no mesmo sentido

“Foi da necessidade em homenagear uma Mulher Negra. ”

Entrevistado 1 também se refere ao fato dizendo que:

“A importância desse fato para o grupo é que o grupo passou a ter uma cara uma identidade negra de fato”.

Todos concordamos que a identificação feminina negra só viria a agregar aos objetivos do coletivo. A identificação do grupo com uma figura negra, para sua constituição inicial, foi de suma importância, uma vez que uma das críticas ao grupo, que organizava a semana da consciência negra anterior a este, era seu branqueamento, sua falta de identidade negra. Portanto o coletivo “Camélias de Torres” se estruturou da premência de

“Valorizar o negro em Torres e sua história e promover ações em busca da igualdade na sociedade”

Como nos conta o entrevistado 4.

O fortalecimento do grupo em torno de suas relações pessoais, fez com que este pudesse propor ações para além de simplesmente se reunir e conversar sobre os problemas relativos as questões raciais. Sobre a escolha da homenageada os entrevistados 1 e 5 concordam, ao dizerem coisas bem semelhantes: entrevistado 1

“A escolha inicialmente como quase toda escolha foi sugestionada e após anuída pela maioria do coletivo”,

Entrevistado 5

“A escolha foi por indicação e votação. ”

O coletivo demonstra assim seu caráter democrático e coletivo como forma de ação.

3.4 A importância desta criação:

Desde o tempo da escravidão os negros procuraram se organizar em associações e irmandades. Em São Paulo, a exemplo do resto do país, irmandades católicas negras eram aceitas:

No Brasil, desde o período do domínio colonial português os negros escravizados também se organizavam em associações. Dentre estas, existiam as que estavam à margem da lei, como a capoeira e o Candomblé, e as que tinham a sua imagem ligada a Igreja Católica, como é o caso das irmandades... ..A dissolução dos laços familiares e de parentesco causada pelo tráfico forçou os escravos a forjarem novos vínculos com outras pessoas... desta forma encontraram uma maneira de recriar as afinidades perdidas pela escravidão (RIBEIRO, 2012, p.29).

Estas irmandades iam para além da recriação dos laços familiares e se envolviam, também nas questões abolicionistas como podemos ver mais adiante no mesmo artigo:

Diversos cronistas e memorialistas registraram passagens da vida da Irmandade do Rosário e de outra agremiação, a Irmandade Nossa Senhora dos Remédios, também “dos Homens Pretos”. Esta esteve associada diretamente ao movimento abolicionista paulistano, sendo que seu juiz provedor (cargo máximo dentro das confrarias) foi Antônio Bento (1843-1898), substituto de Luiz Gama (1830-1882) na coordenação do movimento na cidade... As procissões também serviam como momento de crítica ao escravagismo, sendo que em uma ocasião apresentou-se um cativo acorrentado no cortejo, com o aparente intuito de chamar a atenção para as condições enfrentadas por estes (RIBEIRO, 2012, p.30-31).

Logo, associar-se, reunir-se, organizar grupo tanto oficiais, como clandestinos (como no caso da capoeira e do candomblé) sempre fez parte da vida do negro no Brasil. Sendo assim, a luta pela igualdade, reconhecimento, respeito, justiça, etc, ainda se faz necessária, a formação do coletivo é um fato de extrema importância para a melhoria da sociedade brasileira. Uma vez que a sociedade brasileira ainda necessita de Leis que a lembrem de que todos são iguais como estatuto da igualdade racial,

estatuto do idoso, estatuto da pessoa com deficiência, e leis na área da Educação para apontar a necessidade de se falar da cultura africana, afro-brasileira e indígena, Lei 10.639, Lei 11.645¹³. Isto quer nos dizer alguma coisa. Talvez, que nossa sociedade seja preconceituosa.

Sobre preconceito o entrevistado 1 mencionou ao fazer uma avaliação das atividades da semana da consciência negra:

“Ao final chegamos à conclusão que o racismo em Torres infelizmente existe e está presente no nosso dia a dia.”

Disse ainda, quando perguntado onde começa o preconceito, que ele começa

“Em todos os lugares”.

Também o entrevistado 5 aponta que o preconceito está

“Em todos os lugares, mas a sociedade tem um peso muito forte, quando não temos pessoas com estima alta elas são facilmente maleáveis pela sociedade. ”

E completa

“Ainda temos muito a caminhar, existe um racismo velado, na minha opinião temos que trabalhar muito forte com as crianças para termos adultos mais conscientes. ”

Estas falas nos remetem que o coletivo reconhece o preconceito e o racismo, na sociedade atual.

3.5 Trajetória da homenageada Nazaré: “Naza”:

Nossa homenageada, A entrevistada “Naza”¹⁴ relata que¹⁵

“Minha vida como mulher negra, por quando criança, passei por todos os tipos de preconceitos por minha cor, cabelo, mãe separada, fui negrinha “dada” como eles

¹³ A Lei 11.645/2008 altera a Lei 9.394/1996, modificada pela Lei 10.639/2003, a qual estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira e indígena”.

¹⁴ Homenageada da Semana da Consciência Negra de Torres do Coletivo negro “camélias de Torres”

¹⁵ A entrevista com a homenageada foi realizada em 28/04/2018.

falavam, minha mãe me empregou em uma casa aos 8 anos de idade para lavar louça e cuidar de crianças”.

Sobre a escolha de seu nome como homenageada ela disse:

Me sinto com muita responsabilidade ao ser homenageada na semana da consciência negra em Torres, isto me faz voltar no tempo lá em Bagé quando criança, ficava na ponta do pé no morrinho mais alto que encontrava, colocava a mão fazendo sombra sobre os olhos para enxergar longe.

Ficava pensando o que tinha além do horizonte...imaginava coisas, via bolas coloridas a minha volta.

Nos pampas o horizonte é plano mas eu não acreditava que o mundo terminava ali. Perguntei para minha mãe:

- O que acontece se eu for caminhando para a frente sem parar...ela respondeu: - tu vais passar por um monte de coisas.

Após ter feito uma pesquisa com mulheres negras moradoras antigas da cidade de Torres, Naza apresentou um texto contando dos preconceitos e racismos que estas mulheres passaram. Sobre isto ela nos relata:

“Depois da pesquisa sobre a vida das mulheres negras de Torres, sinto que despertei simpatia com as mulheres negras mais profunda e a ira de algumas mulheres não negras que discordaram da minha fala mas defendi bem porque estava me referindo a fatos”.

A cinquenta anos atrás Nina Simone já contestava com suas letras a luta pelos direitos civis das mulheres negras dos Estados Unidos com letras que diziam assim:

Tenho o meu cabelo, tenho minha cabeça

Tenho meu cérebro, tenho minhas orelhas

Tenho meus olhos, tenho meu nariz

Tenho minha boca

Eu tenho

Eu tenho a mim mesma¹⁶

¹⁶ Letra completa em anexo B.

Esta música mostra que, apesar de ter muita coisa contra sua trajetória ela seguia em frente, assim como Nazaré que lutou contra o preconceito ao longo de sua trajetória, até mesmo quando veio morar numa cidade longe da sua origem.

Nazaré mora em Torres a 32 anos e veio para cá, como ela mesma conta “em busca de uma proposta de trabalho e moradia, de uma melhor qualidade de vida. Espaço para crescer, amadurecer e progredir.”

Ficou como caseira em um sítio, na entrada da cidade, onde morou desde que chegou até pouco depois da semana da consciência negra. Quando foi pega por uma ordem de despejo colocada pelo dono do terreno que nunca pagou pelos serviços do nossa homenageada e sua família. A causa ainda corre na Justiça, mas o trauma de ter que abandonar sua casa vai ficar marcado na pele desta guerreira que se ergue e segue em frente vendendo seu artesanato em madeira, muitas das quais apanhou no sítio.¹⁷ Por sorte correu tudo bem, e agora Nazaré se acomoda como pode na casa de uma de suas filhas. No chá das Mulheres Negras do coletivo “Camélias de Torres” Naza desabafou, ao final do seu discurso:

Hoje estamos aqui lutando por visibilidade, oportunidade de igualdade com justiça e direito à dignidade. Sonho como Dandara, Maria Felipa, Aqualtune, Santina, Marcia, igual a Maria Helena, Albertina, a Zenaide e a Benta, Germinia e muitas outras mulheres negras que já lutaram e continuam esperando a vitória, mesmo que venham para nossos netos e bisnetos não podemos desistir de pensar que pode ser diferente. Quem sabe, em uma data não tão distante poderemos estar comemorando em vez de estar protestando, muito obrigada!!! (NAZA, 2017)

Em sua busca Naza se deparou com muitas situações de racismo e preconceito para com as mulheres negras da cidade, de sua idade, ou mais velhas. Uma foi se queixar ao padre naquele tempo em que chegou na cidade, o mesmo lhe respondeu que não podia fazer nada pois também era novo na cidade. Todas tiveram problemas com os filhos ou na escola, ou no bairro. Isto mexeu com o amor próprio da nossa homenageada,

“vi nestas mulheres extensão de situações já acontecidas e vividas por eu mesma.”

¹⁷ Eu e minha esposa estávamos lá no dia do despejo. Demos o apoio que foi possível, na busca de uma solução pacífica, já que ela estava transtornada e não conseguia pensar direito.

No dia seguinte a realização do chá, Naza postou na sua página do facebook:

Bom dia!!! excelente segunda feira!!! gratidão as queridas que dispuseram de seu domingo de descanso p prestigiar nosso chá!!!

Isto mostra uma semente fortalecida expondo seus primeiros galhos mostrando nossa cara damos identidade a nossa causa!!!

Muito me emociona a história de vcs por que me identifico e fortalecida, tenho certeza que não estamos sozinhas.

Unidas, fortalecidas, empoderadas levantem mulheres, mexeu com uma mexeu com todas, quando uma sobe um degrau puxa a outra !!!! (NAZA, 2017)

Fotografia II, Chá das Mulheres Negras -



Acervo do facebook do pesquisador

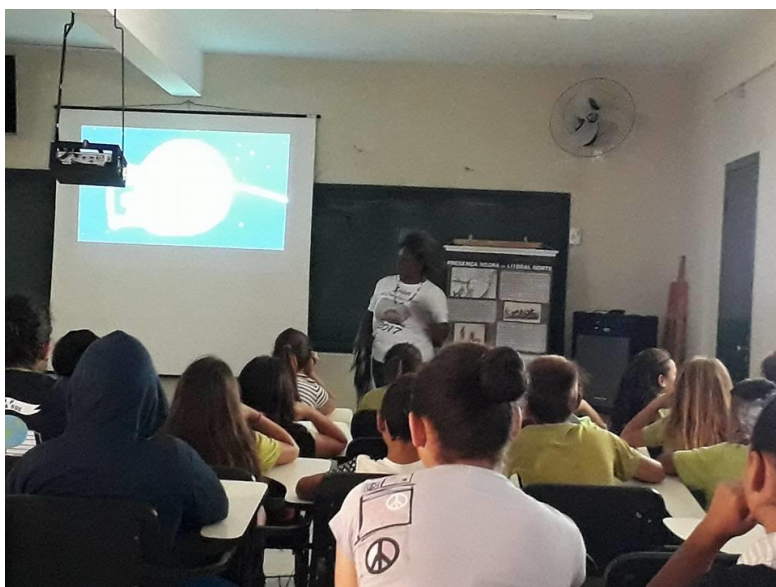
3.6 Ações do Coletivo:

Cabe destacar um registro da atividade de projeção de filmes de animação sobre as temáticas negras e debates na Escola Zona Sul, “Naza” se sentiu muito bem. Ela soltou seus cabelos crespos e brancos e balançou como a menina da animação. Algumas meninas, estudantes da escola sorriram e se cutucaram. Ao que tudo indica, se sentiram poderosas como aquela mulher negra, forte, de cabelos brancos bem cuidados, crespos naturais, soltos como não se imaginaria em uma escola. Aquela

mulher dizendo que se gosta, que se ama, que se sente importante. Nazaré também se sentiu importante por poder ter sido exemplo positivo para aquela comunidade, comentou diversas vezes sobre este fato sempre demonstrando orgulho e satisfação. As meninas deste primeiro dia se identificaram com a questão do “cabelo ruim”.

Um olhar atento sobre a história da educação brasileira permite que observemos que ainda é muito forte a influência do mundo branco ocidental sobre os currículos escolares, seja na sua concepção, seja na sua operacionalização. O chamado, por muitos, saber não culto (negro e indígena) tem dificuldade em ser incluído, de modo sistemático e organizado, nos currículos, sendo abordados de modo marginal (LOPES 2016, p. 322).

Fotografia III - Cinema na escola



Acervo do facebook do autor

No dia seguinte aconteceu mais uma projeção na mesma escola, para outras turmas. Não pude participar do debate, outro colega participou junto com a “Naza” me relatando, muito emocionado que um menino de 9 ou 10 anos pediu para falar. Este menino contou que, passando por um centro comercial do centro de Torres com um amigo, foi xingado e perseguido por dois homens fortes. Tiveram que sair do local, com medo de serem agredidos. O menino se emocionou ao relatar o fato de a perseguição ser exclusivamente por sua cor de pele, segundo me contaram.

Fatos que demonstram a importância de se buscar formas de reverter este quadro. Em outra escola do Município de Torres, outra integrante do coletivo organizou uma atividade com o professor de educação física da mesma, uma apresentação onde os meninos negros representaram uma cena de um quadro do

Debret e depois toda escola participou de um debate com uma psicóloga negra convidada e o Mestre de Capoeira. Ficou evidente, neste dia que as pessoas de cor negra ainda sentem preconceito e atitudes de racismo por causa da sua cor.

Particpei da atividade mencionada e como Andrade (2007, p.28) nos fala da intimidade das conversas na cozinha de casa: “não posso comparar a cozinha lá de casa com a senzala, nem com as cozinhas que visitei em Monte Alegre, as cozinhas dos doces e dos cafés, mas era na cozinha lá da casa de vovó que surgiam as histórias mais próximas dos meus ancestrais negros,” uma vez que, desde que vim morar em Torres dou aula nesta escola. A contramestra do meu grupo de capoeira deu aula de capoeira pelo programa “mais educação” durante dois anos, realizando dois batizados de capoeira dentro da escola.

O pesquisador notou um crescimento acentuado desta comunidade, uma vez que, quando foi nomeado para ministrar aulas nesta escola o pensamento comum entre a maioria de seus integrantes era de que não existia o racismo na sociedade brasileira. Camino et al apontam na conclusão de seu artigo “A Face Oculta do Racismo no Brasil: Uma Análise Psicossociológica” nesta mesma direção ao afirmarem que:

Os dados obtidos neste estudo demonstram que existe, entre os estudantes, um sentimento praticamente unânime (98%) de que no Brasil existe preconceito; mas curiosamente a grande maioria (84%) não se considera preconceituosa. De fato, 82% dos estudantes, ao mesmo tempo em que acreditam na existência do preconceito racial no Brasil, afirmam que eles mesmos não são preconceituosos. Esta situação contraditória sugere que, no Brasil, as pessoas tanto têm uma clara consciência de que se vive numa situação de discriminação racial como não se sentem individualmente responsáveis por esta situação (CAMINO ET ALL, 2000).

Acontecia mais ou menos como o mito da democracia racial¹⁸,

Segundo país negro do mundo, o Brasil ainda convive com o mito da democracia racial, que considera que nós todos somos iguais, com mesmos direitos e deveres, não importando a origem étnico-racial. De acordo com esse entendimento, as diferenças são frutos das desigualdades sociais e econômicas, não tendo o recorte étnico-racial nenhuma interferência nas relações que se estabelecem na sociedade. Partindo, porém, do fato, hoje inquestionável, que no Brasil são exercidas práticas racistas, construir uma nação livre, soberana e solidária, onde o exercício da cidadania não se constitua privilégio de uns poucos, mas direito de todos, deve ser a grande

¹⁸ Pensamento ultrapassado que foi idealizado por Gilberto Freire em “Casa Grande e Senzala”.

meta a ser buscada por todos os segmentos sociais, incluindo-se a escola (LOPES 2016, p. 324-325).

Hoje já enxergam que o racismo não é só lá longe está em todo o lugar. Outra atividade da semana foi o debate na cede da OAB, onde autoridades negras vieram da capital como o promotor de justiça Dr. Gerson Teixeira para palestrar aqui.

Fotografia IV, Palestra na OAB



Acervo do facebook do autor.

No encerramento da semana a atividade foi na Prainha, em Torres, ao ar livre, de forma bem descontraída, com contação de histórias, declamação, exposição de artesanato, oficina de turbantes e roda de capoeira.

Fotografia V, Roda de Capoeira na Prainha



Acervo do facebook do autor.

3.7 Objetivos alcançados pelo Coletivo:

Ao serem perguntados sobre os resultados da semana da consciência negra de Torres, todos os integrantes do “Camélias” responderam que alcançou plenamente os seus objetivos, que ela foi um sucesso por ter mobilizado pessoas das mais diversas camadas da sociedade para a causa da invisibilidade negra.

Destacaram que, apesar da falta de recursos, muita coisa pode ser feita também em função das parcerias como a do cineclub de Torres que participou da atividade na escola e a do Arte Vida e Vivência que participou ativamente de toda a semana.

Após a realização da semana o coletivo se reuniu mais duas vezes até o final do ano de 2017. Em 2018 o coletivo não conseguiu dar a continuidade desejada para suas atividades e reuniões. Este fato é visto de formas diferentes por seus membros: entrevistado 1 diz que

“As expectativas são as melhores, já que o grupo é coeso e unido, embora possuindo diferença e acreditando que elas também e de alguma forma nos unem. ”

Já para o entrevistado 2

“Esta participação foi só momentânea porque depois da semana da consciência negra não teve nenhuma atividade que envolvesse o grupo, infelizmente. ”

O entrevistado 3 comenta que

“As expectativas eram grandes de que fossemos continuar nos reunindo, ainda tenho alguma esperança”.

O entrevistado 4 pensa que

“Neste momento estou passando por uma outra fase da minha vida, acredito que todos os dias podemos mudar através de ações, atitudes, na sociedade e no meio que vivemos, não existe mudança que não seja no dia a dia.”

Por outro lado, o entrevistado 5 tem esperança de

“Que possamos fazer um evento ainda maior e com maior visibilidade. ”

Portanto o futuro do coletivo ainda se mostra incerto, mas uma coisa é certa: ele fez a diferença na vida dos que dele participaram em suas atividades, falando nas rádios de Torres, em seus eventos da semana e em outras conversas paralelas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao concluir esta pesquisa podemos dizer que o coletivo cumpriu seu papel de gerador de identidades afirmativas das culturas negras. A esperança caminha com os fortes, durante a redação deste TCC, algumas inspirações passaram pela minha cabeça, inclusive de que não conseguiria concluir este trabalho. Agora tenho certeza que este estudo não se completa em si mesmo. É caminhante, e aponta para muitas possibilidades. Outra inspiração decorrente de escrever este estudo foi a poesia que transcrevo a seguir:

Pela África escorrem minhas veias

Pelo Brasil corre minha alma

Pela capoeira mora o meu amor

Pelo meu coração vive a tua paixão

Sou brasileiro, negro, branco, amarelo, índio

De todas as cores

Mas não no mito

Da democracia racial

E sim na diferença que nos faz

Cada um especial

Viva a liberdade

Liberdade de escolha

De amor, de calor, de fé e de união

Viva a liberdade de expressão

Liberdade de ter pão,

De ter casa, de ter chão

Liberdade de morar
Onde mora o seu coração
No campo ou na cidade
Todos vivendo com dignidade
Com cultura e educação
Viva a libertação do pensamento
Na mente, no amor e na razão

Meu sangue é vermelho
Meus ossos forte como o aço
Meus músculos seguem o mesmo compasso
A liberdade está no meu pensamento
Não tenho cabresto nem me prendo a nada
Sou livre como o vento
Venho das entranhas do meu coração
Sou vida fluindo para um futuro melhor
Meu sangue jorra em toda a direção
Viva a liberdade
A diferença
O amor e a união

(Autoria do pesquisador 30/05/2018).

Salientamos que ao realizar esta pesquisa, percebe-se como cada um de nós tem uma cota de participação na continuidade do racismo na sociedade brasileira, pois se assim não fosse, ele não estaria enraizado por toda a sociedade. Acreditamos que para vivermos em uma sociedade mais justa precisamos que cada um/uma tome consciência da sua responsabilidade com a ruptura de qualquer preconceito.

O coletivo “Camélias de Torres” cumpriu seu papel de construção de espaços alternativos de políticas afirmativas para a população negra de Torres e para a sociedade em geral.

Neste sentido espera-se que ele consiga manter-se na sua luta, que possa propor mais atividades afirmativas para o fortalecimento das culturas negras. A mulher negra ganhou um pouco mais de visibilidade, mas ainda é muito pouco. Cabe aqui apontar a possibilidade de novos estudos que apontem caminhos para esta mudança.

Outro ponto que percorreu a pesquisa em diversos momentos foi a questão da educação. Neste sentido ainda falta muita coisa para a escola ser um lugar de acolhimento para as pessoas afrodescendentes. Um currículo que abarque as questões africanas e afro brasileiras de forma mais afirmativa, espaços para a cultura popular, intercambio com os movimentos sociais. Este não era o objetivo original deste trabalho, porém estudos mais aprofundados sobre como combater o racismo e o preconceito dentro das escolas se fazem necessários. Neste sentido o Parecer CNE/CP 003/2004 em suas determinações diz:

A autonomia dos estabelecimentos de ensino para compor os projetos pedagógicos, no cumprimento do exigido pelo Art.26^a da Lei 9.394/1996, permite que se valham da colaboração das comunidades a que a escola serve, do apoio direto ou indireto de estudiosos e do Movimento Negro, com os quais estabelecerão canais de comunicação (Ministério de Educação SECAD, 2010p.239-240).

Sendo assim, o coletivo “Camélias de Torres” pode e deve estreitar seus canais de comunicação com a educação como forma de fortalecer as políticas afirmativas que poderão um dia dar início à construção de uma sociedade mais justa. Nosso entrevistado 5 apontou nesta direção ao dizer:

“temos que trabalhar fortemente na conscientização de nossas crianças para termos adultos mais conscientes e menos preconceituosos”.

Este trabalho de conclusão de curso da Educação do Campo, vem reforçar a necessidade de se acreditar/lutar por uma educação de qualidade. Onde todos sejam incluídos, independentemente de sua origem ou de suas escolhas. A Educação do/no Campo preconiza uma educação de qualidade que valorize os saberes dos povos do campo (agricultores familiares, ribeirinhos, pescadores, indígenas e quilombolas), para tanto é preciso que se aprofunde estudos sobre o modo de vida destas

comunidades, bem como sua relação com o meio acadêmico. Este estudo aponta para um futuro melhor, que precisa ser construído no dia a dia.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Patrícia Gomes Rufino. **A educação na comunidade de monte alegre – es. Em suas práticas de construção da visibilidade da cultura popular negra.** Tese de Mestrado em Educação na UFES, Vitória, 2007.

BATISTA, Jaime Luis da Silveira. **Sob as lentes de torres.** Torres, 1ª edição ed.Lorigraf,2012.

BRASIL. **Lei n.º 10.639, de 09 de janeiro de 2003:** altera a Lei 9394/96 para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira”.

BRASIL. **Lei n.º 11.645 altera a Lei 9.394/1996, modificada pela Lei 10.639/2003,** a qual estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira e indígena”.

CAMINO, Leoncio; SILVA, Patrícia; MACHADO, Aline e PEREIRA, Cícero. **A face oculta do racismo no brasil: uma análise psicossociológica.** Revista Psicologia Política, 2000. http://www.fafich.ufmg.br/~psicopol/psicopol/artigos_pub/artigo_4.pdf. Acesso em 20/04/2018.

DICIONARIO ONLINE DE PORTUGUÊS www.dicio.com.br/discriminacao/. Acesso em 15/06/2018.

FERREIRA, Ligia F. Texto: **“Negritude”, “Negridade”, “Negrícia”:** história e sentidos de três conceitos viajantes. USP.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia,** São Paulo, Editora Paz e Terra S/A 1998.

GUERRA, Luiz Antônio. INFOESCOLA. Disponível em:

<https://www.infoescola.com/sociologia/preconceito/>. Acesso em 10/06/2018.

IBGE. www.ibge.gov.br. Acesso em 01/06/2015.

LEI DOS VADIOS E CAPOEIRAS. Disponível em:
<https://capoeiraocec.webnode.com.br/a-arte-capoeira/lei%20de%20proibi%C3%A7%C3%A3o%20da%20capoeira/>

LOPES, Vera Neusa. **Da África aos indígenas do Brasil**, Indicadores em História e Cultura Afro-brasileira e Indígena. Porto Alegre, UFRGS 2016.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**, São Paulo, Editora Contexto, 2012.

MARQUES, Olavo Ramalho. **Sobre raízes e saberes: Territorialidades, memórias e identidades entre populações negras em cidades contemporâneas do sul do Brasil**. Tese de Doutorado em Antropologia Social, UFRGS.Porto Alegre, 2013.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais**. Brasília: SECAD, 2010.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**, Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5.Nº.10,1992, p.200-212. Disponível em:
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 20/02/2018.

REIS, João José e GOMES, Flavio dos Santos. **Liberdade por um fio**, São Paulo, Editora Claro Enigma, 2016.

RIBEIRO, David William Aparecido. **Da escravidão à liberdade: irmandades negras paulistanas antes e depois da abolição**. Texto publicado em Culturas Africanas e Afro-brasileiras em Sala de Aula, organizadora Renata Felinto. Belo Horizonte Fino Traço Editora, 2012.

ROCHA, Rosa Margarida de carvalho. **Almanaque pedagógico afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

SILVA, Eduardo. **As camélias do Leblon e a abolição da escravatura**. Fundação Casa de Rui Barbosa www.casaruibarbosa.gov.br file:///C:/Users/Claudio%20Amaral/Desktop/claudio/UFRGS/TCC/TCC%20Final/FCR B_EduardoSilva_Camélias_Leblon_abolicao_escravatura.pdf. Acesso em 29/05/18.

SIMONE, Nina. **Ain't got no / i got life**. <http://redesina.com.br/aint-got-no-i-got-life-de-nina-simone/>. Acesso em 31/05/2018.

SOUZA, Renier Gonçalves. Site MUNDO EDUCAÇÃO <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/sociologia/racismo.htm>. Acesso em 27/05/18.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Universidade de Murdoch, 2005. <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3>. Acesso em 03/02/2018.

Apêndice 1-

Termos de livre consentimento:

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS LITORAL NORTE
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS DA NAUREZA

Título da Pesquisa: Coletivo Negro: Camélias de Torres

Nome do (a) Pesquisador (a): Claudio Amaral

Nome do (a) Orientador (a): Elisete Enir Bernardi Garcia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Natureza da pesquisa: Você está sendo convidado a participar desta pesquisa que tem como questão central investigar sobre como a criação de um coletivo negro: “Camélias de Torres” contribui para a comunidade onde está inserido?

Participantes da pesquisa: Integrantes do coletivo negro Camélias de Torres, em especial sua homenageada na Semana da Consciência Negra de Torres 2017.

Envolvimento na pesquisa: Ao participar deste estudo, você deverá assinar este termo. Serão realizadas entrevistas, que poderão acontecer em grupo e individuais, com local e horários pré-definidos, a fim de que possamos levantar dados sobre suas experiências/vivências como integrantes do coletivo negro Camélias de Torres. As entrevistas serão realizadas de forma que nenhum constrangimento seja ocasionado, sendo respeitada sua opinião e com liberdade de expor seu pensamento livremente. Você terá ainda, a liberdade de se recusar em participar da pesquisa,

assim como em não responder algumas questões que não lhe sejam pertinentes, sem qualquer prejuízo. Solicitamos dessa forma, sua colaboração para que possamos obter melhores resultados para a pesquisa. Qualquer informação ou

esclarecimento, poderá entrar em contato com o estudante/pesquisador Claudio Amaral, através do E-mail: mestreamaral.rs@gmail.com e com a professora/orientadora Elisete Enir Bernardi Garcia pelo email elisete.bernardi@ufrgs.br

Riscos e desconforto: A participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas, evitando questões que causem qualquer tipo de constrangimento aos entrevistados, as questões que fizerem menção às vivências dos integrantes deste coletivo e suas relações serão mantidas em anonimato se assim o preferir, obedecendo aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, não oferecendo qualquer risco à sua dignidade.

Benefícios: A pesquisa não objetiva intervir no processo de construção do coletivo. Sendo assim, sua participação não lhe ocasiona benefícios diretos. No entanto, buscamos a partir desta investigação fazer uma reflexão dos temas abordados para produção de conhecimentos que possam contribuir nas futuras ações deste coletivo, bem como na sua identificação enquanto coletivo.

Pagamento: A participação na pesquisa não ocasionará qualquer tipo de despesa, bem como nada será pago por sua participação.

Solicitamos assim, seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa, preenchendo os itens que seguem:

Consentimento Livre e Esclarecido

A partir dos esclarecimentos expostos a cima, autorizo, de forma livre e esclarecida, a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Torres, _____ de _____ de 2018.

Nome do Participante da Pesquisa e Assinatura

Assinatura do Estudante/Pesquisador

Assinatura da Professora Orientadora

Apêndice 2:

Perguntas de orientação para a pesquisa:

Perguntas para os membros do coletivo:

Como se formou o coletivo Camélias de Torres?

Com quem?

Por que?

Qual seu 1º objetivo? (semana da consciência negra) (enfrentar o racismo e o preconceito)

Como surgiu a ideia de homenagear alguém na semana? Por que?

Como foi a escolha?

Qual a importância deste fato para o grupo?

Qual a avaliação da semana da consciência negra?

Cumpriu seus objetivos?

Quais as expectativas para 2018?

A participação no coletivo “Camélias de Torres” modificou alguma coisa na sua vida?

E você acha que modificou alguma coisa na vida de algumas pessoas? Fez a diferença?

Ao final do ano a que conclusões chegamos a respeito do racismo e do preconceito em Torres?

Onde começa? Na família? Na escola? Na sociedade?

O que podemos fazer para mudarmos esta situação?

Alguém gostaria de dizer mais alguma coisa?

Perguntas para a homenageada Germinia de Nazareth:

1- Há quanto tempo você mora em Torres?

2- O que fez você vir morar nesta cidade?

3 - Como é viver nesta cidade sendo mulher negra? Já sofreu preconceito?

4 - Quais os motivos que te levaram a participar de um movimento negro?

5 - O “Camélias de Torres” influenciou e influencia na sua vida?

6 - Você foi homenageada pelo grupo Camélias de Torres, Como foi ser homenageada?

7 - Você participa atividade de alguma atividade do coletivo? Qual sua participação na semana da consciência negra?

8 - A pesquisa com as mulheres negra de Torres mudou alguma coisa no seu pensamento? Você se identificou em alguma coisa com elas?

9 – Na tua opinião onde estão os principais focos de racismo e preconceito na cidade e o que se pode fazer para mudar isto?

Gostaria de dizer mais alguma coisa?

ANEXOS:

Anexo A -

O coletivo organizou sua 1ª Semana da Consciência Negra de Torres com as seguintes atividades:

12 de novembro (Domingo):

- 14:30 Chá das mulheres negras

10 mulheres entrevistadas pela Naza.

Local: Espaço Biocêntrico às Rua: Da Holanda/ Sede do Pós da Uniasselvi.

- 15:00: Apresentação das Camélias;
- 15:30: Oficina das Bonecas Abayomis com a Naza;
- 16:15: Dinâmica com a Cris;
- 16:30: “Empoderamento da Mulher Negra e Intolerância Religiosa” com a Psicóloga Jessica;
- 17:30: Chá e poesia da Naza.

14 de novembro (Terça-feira):

- Auditório da OAB de Torres das 9:00 às 18:00
- Autoridades Negras. Atividade com o Mario.
- Ciclo de palestras da invisibilidade da mulher negra e intolerância religiosa.

15 de novembro (Quarta-feira):

- Caminhada do Axé, com a Cris de Oxum

16 de novembro (Quinta-feira):

- Cinema com Rudi e Tomasio parceria com o Cineclube
- Atividades nas escolas: Zona Sul

17 de novembro (Sexta-feira):

- Cine Escolas manhã e tarde Titibol e Marcilio
- Debate da juventude pela manhã Escola Santa Rita

18 de novembro (Sábado):

- Na Rádio Cultural debate com o coletivo Camélias de Torres.

19 de novembro (Domingo):

- A tarde
- Arte Vida e Vivência
- Local Prainha
- Atividades: Roda de capoeira, Contação de história, Trabalhos das escolas, Bonecas negras e Tenda de Artesanatos.

20 de novembro (Segunda-feira):

- Maculelê a tarde na Escola Municipal Santa Rita.
- Cine a noite com debate.
- Encerramento.

Anexo B -

Eu Não Tenho / Eu Tenho Vida

Não tenho casa, não tenho sapatos

Não tenho dinheiro, não tenho classe

Não tenho saias, não tenho casacos

Não tenho perfume, não tenho amor

Não tenho fé

Não tenho cultura

Não tenho mãe, não tenho pai

Não tenho irmão, não tenho filhos

Não tenho tias, não tenho tios

Não tenho amor, não tenho ideia

Não tenho país, não tenho escolaridade

Não tenho amigos, não tenho nada

Não tenho água, não tenho ar

Não tenho cigarros, não tenho um franguinho

Eu não tenho

Não tenho água

Não tenho amor

Não tenho ar

Não tenho Deus

Não tenho vinho

Não tenho dinheiro

Não tenho fé

Não tenho Deus

Não tenho amor

Então o que eu tenho?

Por que mesmo eu estou viva?

Sim, inferno

O que eu tenho

Ninguém pode tomar

Tenho o meu cabelo, tenho minha cabeça

Tenho meu cérebro, tenho minhas orelhas

Tenho meus olhos, tenho meu nariz

Tenho minha boca

Eu tenho

Eu tenho a mim mesma

Tenho meus braços, minhas mãos

Tenho minhas orelhas, minhas pernas

Tenho meus pés, e meus dedos

Tenho meu fígado

Tenho meu sangue

Eu tenho uma vida

Eu tenho vidas!

Tenho dores de cabeça, e de dente

E tenho horas ruins, assim como você

Tenho o meu cabelo, tenho minha cabeça

Tenho meu cérebro, tenho minhas orelhas

Tenho meus olhos, tenho meu nariz

Tenho minha boca

Eu tenho o meu sorriso!

Eu tenho a minha língua, meu queixo

Meu pescoço e meus seios

Meu coração, minha alma

E minhas costas

Tenho meu sexo

Tenho meus braços, minhas mãos

Meus dedos, minhas pernas

Tenho meus pés, e meus dedos

Tenho meu fígado

Tenho o meu sangue

Eu tenho vida

Eu tenho minha liberdade

Ohhh

Eu tenho a vida!

“É uma obrigação artística refletir o meu tempo”.

– Nina Simone –

